

Este texto sobre o **Carnaval na Educação** foi elaborado pelo Professor Elcio Cecchetti, coordenador do FONAPER, como resposta à solicitação de entrevista da Editora Abril, de São Paulo. Gentilmente cedeu o texto com o objetivo de auxiliar os Professores nas discussões sobre a temática, tanto para as aulas de Ensino Religioso ou outras.

CARNAVAL NA EDUCAÇÃO

Elcio Cecchetti¹

O carnaval, bem como outras festas populares - como as juninas, as congadas, as de reis, entre outras – tem sua origem na cultura religiosa de povos ancestrais.

Segundo alguns pesquisadores, embora de forma imprecisa, o Carnaval teria como marco inicial os cultos agrários dos povos antigos como os Egípcios, Persas, Fenícios e Gregos. As comemorações ligadas a totens e divindades marcavam o início da primavera, por meio de danças ao redor de fogueiras, no qual os participantes utilizavam máscaras e adereços para espantar as forças ou espíritos negativos que pudessem prejudicar o plantio.

Não é por caso que ainda hoje muitos enredos do carnaval retomam mitos sagrados ou relembram elementos, seres ou heróis divinos.

Com o passar do tempo, em algumas sociedades de complexa divisão social, como a dos Gregos e Romanos, esses festejos acentuaram a inversão dos papéis, através da “libertinagem” social, onde foliões fantasiados e mascarados permitiam que homens e mulheres trocassem os seus papéis em uma espécie de “escape social”.

Com a expansão do Cristianismo, esses festejos foram a princípio condenados, mas, a Igreja, ao constatar a ineficiência das proibições, acabou por incorporar o Carnaval ao calendário Eclesiástico, no século VI d.C. Entretanto, durante toda a Idade Média, o povo, indiferente ao oficialismo imposto, continuava participando, massivamente, dos atos festivos e cômicos.

Mais tarde, o carnaval foi antecipado para antes do início da Quaresma, fazendo contraponto ao festejo. Esta seria a possível origem do termo “carnaval”, abreviação de “carne levale”, que significa ação de “tirar a carne”, ou seja, o último dia de se comer carne antes dos 40 dias de jejum da Quaresma.

O carnaval surgiu no Brasil no século XVIII, com a migração dos açorianos e portugueses. Inicialmente, o festejo era chamado de *Entrudo*, que significava “entrada”. Tratava-se de celebrações populares animados por bumbos e tambores, que percorriam as ruas das cidades. Posteriormente, surgiram os primeiros clubes carnavalescos, com

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduado em Ciências da Religião-Licenciatura em Ensino Religioso pela Fundação Universidade Regional de Blumenau/FURB.

organização interna própria e com carros alegóricos, precursores das escolas de samba dos dias atuais.

O carnaval, portanto, é uma manifestação cultural que perpassa a história da humanidade, e, como tal, necessita ser conhecida e compreendida na escola. No entanto, não raro, a festividade não é tomada para estudo. Suas origens, sentido e significado continuam desconhecidos para grande parte dos sujeitos da escola. Por estar incorporada ao imaginário popular brasileiro, a maioria das escolas apenas reproduzem o festejo porque está convencionalmente aceito no contexto social. O que queremos dizer é que de nada adianta fazer um “mini-carnaval” na escola se a comemoração não for tratada como um elemento de aprendizagem. Para tal, sua origem precisa ser contextualizada, seus múltiplos elementos destacados e a diversidade de símbolos culturais valorizados.

Neste sentido, diferentes componentes curriculares, em especial o Ensino Religioso, tem a oportunidade de trabalhar conceitos científicos que promovam o reconhecimento das múltiplas expressões da religiosidade do povo brasileiro, destacando as diferentes festas, ritos e celebrações de origem indígena, africana, semita e oriental. Além disso, os estudantes podem ser instigados a pesquisar as festas populares e religiosas de sua localidade, envolvendo os pais e lideranças religiosas da comunidade. O objetivo é perceber que diferentes povos e culturas vivenciam momentos especiais através de festas religiosas e populares, as quais devem ser valorizadas dada a importância em âmbito pessoal e coletivo. De igual modo, se descobrirá que existem comunidades e tradições religiosas que não possuem festejos ou qualquer manifestação exterior de suas crenças, que também necessitam ser valorizadas em sua diferença.

Por outro lado, o trabalho pedagógico com o tema das festas populares e religiosas é um bom momento para se questionar estereótipos e representações sociais equivocados sobre determinados grupos sociais, bem como para se discutir como os governos, os setores turístico e hoteleiro vêm se apropriando dessas comemorações para ampliar sua lucratividade anual.

Também se pode aproveitar para debater problemas sociais relacionados com o carnaval e as festas juninas, tais como a prostituição e o trabalho infantil, o uso das drogas, o alcoolismo, gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis e suas formas de prevenção.

Referência sobre a História do Carnaval:

HORTA, Carlos Felipe de Melo Marques (Org.). **O grande livro do folclore**. Belo Horizonte: Leitura, 2004.

